

★ A GRAMÁTICA NEM SEMPRE É DRAMÁTICA

José Rubens Siqueira

É profissional das artes há mais de quarenta anos. Escreveu e dirigiu dezenas de peças teatrais, recebeu diversos prêmios. Traduziu clássicos como *Tartufo*, de Molière e *Hamlet*, de Shakespeare; adaptou para cena *Os Lusíadas*, de Camões. Em 2010, dirigiu *O inferno sou eu*, de Juliana Rosenthal K. Dirigiu filmes de curta e longa-metragem e participou de festivais de cinema internacionais (Teeran, Berlim, Tashkent e Alma-Ata). Escreveu a biografia do diretor teatral Flávio Rangel, *Viver de teatro* (Nova Alexandria). Traduziu do inglês, espanhol, francês e italiano cerca de duzentos livros ao longo de 35 anos, para editoras como Companhia das Letras, Objetiva/Alfaguara, Record, CosacNaify.

Teatro é língua falada, não língua escrita. O diálogo tem de soar natural na boca do ator. Não pode soar caprichado, correto “como se escreve”. Não pode constituir uma barreira para a fruição da imagem, da potência dramática, por parte do espectador. Se alguém sai elogiando a voz, a articulação, as modulações vocais de um ator, é porque esse ator é um virtuose. É um ator que coloca sua pessoa à frente do personagem. Acredito que em qualquer gênero de teatro, dos clássicos à vanguarda mais experimental, passando pelo bom teatro realista, o espectador quer ver o personagem, a trama, as imagens, a poesia do espetáculo. E tudo: o texto, a direção, a interpretação, o cenário, o figurino, a luz, tudo deve servir ao espetáculo.

Se esse conjunto complexo de artes e pessoas serve ao autor, ou ao diretor, ou ao ator que é uma estrela, o espetáculo como um todo fica em segundo plano e perde potência. Acredito que o teatro é uma arte coletiva por excelência.

É nesse contexto que vejo inserida a tradução teatral. A função do tradutor em geral e do tradutor de teatro em particular é fazer a obra soar na nossa língua. Na tradução literária, muitas vezes se depara com um texto uniforme, gramaticalmente correto, que “amansa” o estilo e as idiosincrasias do original, que trai o diálogo quando coloca na boca de personagens populares e incultos, uma língua es-

crita com toda a correção, e todos os personagens usam a língua da mesma forma. É chato.

Essa dificuldade aparece com intensidade no português falado no Brasil, em que é enorme a diferença entre a língua escrita e a língua falada.

Claro que toda arte é “artificial”, é uma construção sintetizada, que condensa em poucas páginas ou em poucas horas, realidades e vidas inteiras. Em se tratando do texto teatral, soar “natural” não quer dizer soar naturalista. Quer dizer que o texto não pode parar no ouvido. Ele tem de ser veículo, não meta de chegada. Como tradutor, não posso produzir um texto que deixe o espectador extasiado com meu talento, a ponto de racionalizar e perder o envolvimento do drama.

Traduzir é um processo de submissão ativa. Um tradutor não tem estilo. Ele traduz o que o autor escreve, do jeito que o autor escreve. Não pode “melhorar” o original. Evidentemente, dois tradutores traduzindo o mesmo texto, produzirão resultados diferentes. Porque traduzir não é ciência exata, depende da sensibilidade e da formação do tradutor. E de sua capacidade como escritor.

Conheço excelentes professores de outras línguas, que as dominam quase como nativos, mas não são bons tradutores. Por não terem bom domínio do texto escrito. Ou, no caso do teatro, do texto falado.

Há mesmo excelentes tradutores, poetas, ficcionistas, que não produzem boas traduções tea-

trais. Porque se detêm na forma e na psicologia do texto escrito.

O texto teatral, no papel, não é teatro. É literatura. Só quando analisado, interpretado, atuado diante de uma plateia, é que se torna teatro. E para isso precisa ser um texto vivo, que soe contemporâneo, verdadeiro para o momento em que o espetáculo se dá.

Por isso não acredito em traduções “definitivas”. Sobretudo quando se trata da obra de gênios da dramaturgia como os gregos clássicos, ou Shakespeare, ou Molière, acredito que a tradução deve ser feita para o grupo que vai encenar a peça naquele momento. Deve servir à encenação. Não se pode “melhorar” Sófocles, ou Shakespeare, ou Molière. Nem imitar esses gênios inimitáveis.

O tradutor pode, sim (ou deve), submeter todas as suas faculdades a entender, com seus instrumentos técnicos e artísticos, inegavelmente pessoais, o que está escrito e submeter-se a traduzir aquilo. Buscando não uma correspondência exata de métrica, de sonoridade, de forma, enfim, mas encontrar correspondências linguísticas formais para traduzir com a máxima fidelidade as imagens, a dramaturgia, a poesia do autor original.

Se o bom tradutor de literatura precisa saber escrever, o bom tradutor de teatro precisa mais: precisa saber escrever e, principalmente, saber falar como falam os seres humanos de seu tempo e lugar. ☆